

Autora: Juliana Ribeiro Câmara Lima  
Eixo Temático: AT e instituição de educação  
Pertinência Institucional: IECE- Instituto Educacional Casa Escola  
Domicílio: R Raimundo Chaves, 1652. Casa H 03, Candelária, Natal/RN CEP:  
59 064-390.  
Fone: (84) 9418 4830  
E-mail: juliana.iece@gmail.com

## **AT NA ESCOLA: UM DISPOSITIVO POSSÍVEL?**

A inclusão escolar de crianças com psicose ou autismo coloca-nos diante de uma práxis que reivindica discussões constantes a respeito de como efetivar esta proposta.

No Instituto Educacional Casa Escola- o IECE, em Natal/RN, tais discussões fazem parte de um trabalho que se sustenta há quase 30 anos. Nessa experiência, balizada pela psicanálise, partimos da prática para refletir sobre os impasses que emergem na atualidade.

Uma vez que a solução encontrada pela civilização da nossa época situa-se na criação de novas normas fundadas nos direitos humanos, o lema “educação para todos” sob a perspectiva da política de *Inclusão Radical* na escola comum, projeta a crença de que não há nada que a igualdade dos direitos entre os homens não possa solucionar; nada se quer saber acerca do ponto de Real irreduzível que sustenta o ineliminável tropeço.

A escola deixa explícita a diversidade, pois reúne o humano em sua pluralidade e isso, por si só, implica em reunir pessoas diferentes. Mas essa é apenas uma das vertentes da inclusão na escola. Para se trabalhar com a diferença no seio desta instituição, é preciso ir um pouco mais além, pois não podemos nos cegar diante do fato de que existem diferenças que são tratadas como incômodas ou indesejáveis e, por isso, colocadas à margem,

permanecendo impossibilitadas, as pessoas com tais diferenças, de usufruir do espaço escolar como uma instituição favorecedora de aprendizagem.

Na interface psicanálise-educação, o projeto de inclusão nesta escola sublinha que é legítima a igualdade de direitos, mas busca não apagar a singularidade e reconhece o direito à diferença.

Sabemos que com as convenções escolares, este Outro social, muitas vezes é sentido como ameaçador e hostil para crianças e jovens com psicose e autismo, podendo provocar injunções e desencadear surtos.

Aqui se faz necessário um parêntese para tentar situar melhor de quais alunos estamos falando.

Quando chegam à escola ainda pequenos costumavam trazer consigo o diagnóstico de TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento), mas atualmente multiplica-se o número de crianças diagnosticadas como Autistas ou do espectro autístico; também referem TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Para nós aqui neste trabalho estamos falando das crianças autistas e psicóticas, sem priorizar suas distinções diagnósticas.

Nesse sentido, será preciso sublinhar que falo de crianças com autismoS e psicoseS, cada uma delas reagindo ao saber e sua transmissão de uma forma peculiar.

Para alguns sujeitos psicóticos e autistas a escola é um lugar capaz de favorecer o laço social. Tarefa nada simples, mas um trabalho possível. Muitas vezes instigante e promissora no sentido de que mesmo “fora-do-discurso” pela forclusão do Nome-do-Pai, tais crianças conseguem entrar em relação com outros dentro dos marcos discursivos que atravessam a escola, com sua forma peculiar, efeito da segregação absoluta do Outro materno. Isso não equivale a

tentar fazer dele um igual. Isto seria denegar sua diferença radical, denegar a recusa da lei simbólica.

Nessa direção, a escola por sua vez, lhe proporciona o lugar de aluno e um projeto de escolarização passa a ser elaborado na perspectiva de acatar a forclusão. Será preciso flexibilizar o currículo oficial para atender as necessidades específicas desses alunos.

Quando o professor consegue flexibilizar sua demanda, interroga-se acerca de outras maneiras de ensinar. Desta forma, redimensiona os conteúdos, os objetivos, o processo avaliativo para que o aluno com maior dificuldade também tenha acesso ao conhecimento historicamente acumulado. Sabe, contudo, que não existe uma única maneira de se ensinar, por isso busca diversificar estratégias para atingir os objetivos de ensino-aprendizagem.

A heterogeneidade de um grupo escolar, neste sentido, faz-se paradoxal. Pois, se por um lado se presentifica o contexto do coletivo, através do projeto compartilhado de aprendizagem, por outro, a singularidade que impõe sua marca.

Nessa direção, a escola aparece aqui para alguns sujeitos como um dispositivo que favorece a possibilidade do laço social numa amarração que enoda as dimensões real, simbólica e imaginária para além da metáfora paterna. Por vezes, são formas de enodamentos que sustentam o sujeito numa psicose discreta, favorecendo uma vida aparentemente adaptada como as crianças que se sustentam com o Édipo.

O grande desafio tem se colocado na chegada de crianças ou jovens muito fragmentados em sua organização pulsional, que estão alheios ao discurso. Mesmo que falem, suas palavras carecem de qualquer liame

simbólico dificultando-lhe seu estar com o outro. Sua comunicação limita-se ao gesto, quiçá a algum som peculiar, às vezes, gritos aparentemente desconexos. Sua motricidade mostra-se fragmentada, o corpo se agita como que desabitado pela linguagem. Muitas vezes, não conseguem controlar os esfíncteres, fazendo costumeiramente suas necessidades fisiológicas na roupa. Também não revelam pudor ou representação de privacidade quanto a sua intimidade com seu corpo e com o do outro, podendo ter atitudes que nos parecem invasivas, parecendo desrespeitosos ao insistir em tocar o corpo do outro ou despir-se em público.

Diante das atividades pedagógicas, apresentam pouca concentração e ainda possuem dificuldades ao manusear o lápis para pintar, desenhar, recortar e colar. Também não participam dos jogos de regras e de brincadeiras de faz-de-conta, espontaneamente.

Há uma espécie de mortificação da criança situada como objeto a, objeto inanimado, pois que não são causa de desejo no fantasma materno, mas a própria encarnação radical do desejo, por isso não desejam, não demandam. A criança se converte no objeto que condensa o gozo da mãe. O significante fálico não pôde operar fazendo subtrair o gozo do corpo, o que resulta num corpo ilimitado, sem borda ou localização.

Enfim, tais alunos possuem diferenças tão marcantes que no encontro com o professor e os demais alunos costumam causar estranhamento, gerando, por vezes, sentimentos de angústia, receio e repulsa.

Nesse contexto de mal-estar, a psicanálise é convocada a pensar o caso a caso, afastando-se do Um do ideal. Indaga como a partir da multiplicidade, pinça a singular maneira que cada um se amarra nesse universo das

convenções socialmente erguidas pelos homens, para potencializar sua lógica interna.

Outras indagações deixam vívidas as dúvidas acerca de nossa prática. Estamos no terreno da Inclusão a qualquer preço, ou nossa aposta situa-se na possibilidade de inventar uma via que favoreça a inclusão do sujeito da psicose na sociedade? A resposta a esta questão não é simples e só pode ser construída a cada vez.

Na sustentação dessa pergunta, antes de produzir-se uma resposta, o trabalho em rede se faz extremamente necessário. Não se trata de trabalhar só com o aluno ou só com o professor. Para além desses protagonistas há um trabalho a ser desenvolvido junto aos colegas de turma, às famílias, assim como também entrelaçar profissionais extra-escola (tais como o psicanalista, psicólogo e acompanhante terapêutico).

Será preciso sustentar o tempo da invenção para saber se é possível uma escolarização na escola comum. Além disso, inventar uma prática que vislumbre uma solução não segregativa não acontece se estivermos restritos aos muros da escola.

Nessas ocasiões, o Acompanhamento Terapêutico pode ser pensado como um dispositivo que favorece a possibilidade do aluno com psicose e autismo estar na escola. Favorecendo o laço social, auxiliando a invenção de uma cena na qual o aluno com psicose ou autismo possa circular por entre os discursos, ou entre em um ou noutro discurso de uma forma mais ou menos instável. Trata-se de um recurso a ser analisado caso a caso, podendo ser importante ou não para contribuir na proximidade do sujeito ao laço social num momento pontual da vida do aluno ou, se necessário, num tempo maior.